

O RIO GRANDE DO SUL “ALEMÃO”, AOS 200 ANOS

René E. Gertz¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jubileus são episódios que envolvem a maioria das pessoas, em algum momento de suas vidas. Possivelmente, os jubileus de uniões matrimoniais sejam os mais lembrados (“bodas de prata”, “de ouro”, “de diamante”). Os espaços cronológicos mais referidos como jubilares são os de 25 anos, e seus múltiplos. Independente do papel que possam exercer em nível pessoal, jubileus têm importância para instituições e para grupos – incluindo nações inteiras – para uma avaliação do caminho percorrido no passado, e para um projeções em direção ao futuro.

Se formos procurar referências a eventuais jubileus ligados ao processo de instalação de povos de fala alemã, no Rio Grande do Sul, constatamos que há um silêncio profundo a respeito, até o centenário, em 1924. Deve-se destacar que este silêncio se refere a registros atualmente conhecidos. É possível que tenham sido feitos comentários – ou, até, realizadas “comemorações” – aos 25 anos, em 1849; aos 50, em 1874; aos 75, em 1899. Mas é pouco provável que isto tenha acontecido em proporções significativas. Em 1849, se tinha, recém, saído da Revolução Farroupilha, e, em termos sociais e econômicos, um bem-estar minimamente difundido ainda não limitado; em 1874, estava em pleno desenrolar o conflito “*mucker*”, que, apesar de ter-se localizado na região de Sapiranga, criou um clima negativo para a “colônia alemã” como um todo; mesmo que o ano de 1899 não apresente circunstâncias inibidoras evidentes, as situações anteriores sugerem que, mesmo assim, ainda não havia motivos para desencadear entusiasmo para festejar datas jubilares.

Como mostrou Roswithia Weber (2004), a primeira grande não só lembrança, mas, sim, comemoração jubilar expressa foi o centenário, no ano de 1924. Vários fatores se apresentavam favoráveis, naquele momento. Sobre, no mínimo, dois deles não pode haver dúvidas: subjetivamente, alemães e descendentes do estado tinham vivido situações constrangedoras, durante a

1 Doutor em Ciência Política. Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL).

Primeira Guerra Mundial, e a comemoração do centenário, seis anos depois de seu término, representou uma forma de procurar reconstruir a autoestima; objetivamente, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto demográfico, e até político, a presença de alemães e descendentes não podia mais ser ignorada, isto incluía a disponibilidade de dinheiro para festas e exposições, e também para publicar um volumoso livro alusivo, o famoso *Cem anos de germanidade*, com suas 568 páginas (VERBAND DEUTSCHER VEREINE [Ed.], 1924).²

Mesmo que, obviamente, não devem ter faltado vozes a criticar e a difundir visões menos benevolentes, o clima geral foi positivo. Aparentemente, este clima foi tão favorável que se ensaiou um jubileu pouco usual de “110 anos” da imigração alemã, em 1934, que levou, entre outros, à decretação do 25 de julho, data da chegada dos primeiros alemães a São Leopoldo, como feriado estadual, no ano seguinte (WEBER, 2004, p. 95-104). Sem entrar em detalhes, esta situação se explica pelo crescimento da importância demográfica e econômica das regiões de colonização alemã, pela simpatia pessoal de Flores da Cunha – que chegara ao poder no estado, com a Revolução de 1930 – para com as “colônias” alemã e italiana, e pelos reflexos da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha.

A situação esteve mais uma vez pouco favorável em 1949, quando referências aos 125 anos foram ofuscadas por efeitos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. A situação, porém, evoluiu para melhor, nos anos seguintes. Já com o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), as relações com a Alemanha e a avaliação sobre seus cidadãos-descendentes no Brasil mudaram para melhor (GERTZ, 2018; GERTZ, 2020), realidade que, com idas e vindas, desembocou, no início da década de 1970, em um governo federal “alemanizado”, no Brasil, com Ernesto Geisel como presidente da República, e um envolvimento peculiar do país com a Alemanha, no campo geopolítico e econômico, fatos que favoreceram manifestações e avaliações mais benignas, as quais redundaram em intensas atividades, oficiais e não-oficiais, em torno do assim chamado “sesquicentenário”.³

Índices de simpatia e antipatia em relação a grupos étnicos ou culturais, no conjunto da população brasileira, medidos por levantamentos demoscópicos, não costumam ser divulgados, no país. Mas é certo que, nos últimos 50 anos, sobreviveram preconceitos positivos e negativos em relação a alemães e descendentes no Brasil. Talvez a tendência dominante no conjunto da população não fosse nem a favor nem contra. Mas pode-se pressupor como plausível que a

2 A tradução para o português foi feita por Arthur Blásio Rambo, sob o título *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924* (São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1999).

3 Sobre as relações Brasil/Alemanha, no contexto de 1974, cf. ROEHE, 2005; a respeito dos festejos como tais, cf. LIMA, 2017.

polarização política verificada na sociedade brasileira, nos últimos anos, se tenha refletido, em alguma medida, de forma negativa na avaliação sobre o “mundo alemão”. Alguns de meus estudos têm mostrado não desprezível insistência num suposto ou efetivo crescimento do assim chamado “neonazismo”, na imprensa e na opinião pública, e este, por sua vez, costuma ser, quase invariavelmente, atribuído à presença dos “alemães” (GERTZ, 2022; GERTZ, 2024).

Um exemplo por mim vivenciado pode ilustrar a realidade que tenho em mente. Quando o secretário federal de cultura, Roberto Alvim, em 2020, parafraseou – ou até citou literalmente – Goebbels, uma jornalista do Rio de Janeiro fez contato comigo, buscando meu aval acadêmico para um artigo que pretendia escrever para defender a tese de que se alemães de Timbó, em Santa Catarina, não tivessem criado um núcleo do partido nazista, em 1928, ninguém teria ficado sabendo, neste país, que o nazismo existiu – e o Brasil teria sido poupado do governo Bolsonaro.

Diante deste quadro, o objetivo, aqui, é muito simples: apresentar algumas manifestações expressas em órgãos de imprensa a respeito dos 200 anos da imigração alemã, no Rio Grande do Sul, mostrando, sem qualquer preocupação com uma análise sistemática, coisas que podiam ser lidas no *Correio do Povo*, em *Zero Hora*, e na revista *Parêntese*, todos de Porto Alegre, durante o ano de 2024. Em relação aos dois jornais, não há necessidade de explicações ou justificativas, pois se trata dos maiores e mais tradicionais, do estado. A revista foi incluída porque representa um órgão diferente da imprensa diária, podendo apresentar alguma diferença daí derivada. Além disso, justifica-se alguma curiosidade em saber que foi divulgado por uma publicação um pouco “alternativa”, tanto no formato quanto no conteúdo, dirigida por Luís Augusto Fisher, conhecido professor, agitador cultural, e descendente de imigrantes de fala alemã.

Com isso, não se tem nenhuma pretensão de apresentar a opinião dominante sobre o tema nem uma eventual “média”. Parte-se do pressuposto de que os conteúdos refletem uma manifestação de peso, que pode ter exercido influência sobre a opinião pública, em geral. Mas as limitações analíticas do material determinam cautela em relação a quaisquer conclusões mais gerais.

Para mostrar que, com certeza, aquilo que aparece nas três fontes indicadas não constitui unanimidade, recorreu-se ao Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. A escolha desta instituição se justifica pela importância que ela exerce em São Leopoldo, município oficialmente declarado “berço da colonização alemã no Brasil”. Não se pode negar que seja legítimo pressupor como importantes as opiniões dali emanadas.

Repita-se, enfaticamente, que não se trata aqui de apresentar uma análise com pretensões de validade geral, e, muito menos, de esgotamento do tema.

O objetivo principal é indicar informações iniciais, e eventuais rumos para um empreendimento investigativo mais consistente, mais sistemático, que deverá ser assumido por outros investigadores. Concretamente, trata-se de uma sugestão de tema de pesquisa, para outros estudiosos.

CORREIO DO POVO

Em 24 de fevereiro de 2024, o *Correio do Povo* anunciou que começava a publicar, neste dia, “uma série de reportagens e conteúdos especiais” sobre o bicentenário da imigração alemã. “*Mensalmente*, até o mês de julho, o jornal irá recordar a história da imigração alemã e seu legado no Rio Grande do Sul, a partir de assuntos como economia, saúde, agricultura, cultura, literatura, religião e educação”, mas não ficou claro qual seria o critério cronológico efetivamente adotado para a divulgação, pois já nesta data inicial foram publicados dois textos; em 29 de março foram quatro; em 27 de abril três; e os últimas cinco trazem as datas de 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de julho, portanto bem próximas à “data magna”, a última das citadas.

Não existem informações sobre quem definiu os assuntos a serem abordados nem quem realizou as pesquisas. De qualquer forma, dos 16 artigos enquadrados no conjunto documental que aqui interessa, 14 estão assinados por Felipe [Reis] Faleiro; Lisiane Mossmann e Simone Schmidt respondem por uma matéria, cada uma. A primeira autora é graduada em Jornalismo pela UNISINOS, e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí; a segunda possui, formalmente, os mesmos diplomas universitários, ambos obtidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.⁴ Quanto aos assuntos abordados, Mossmann escreveu sobre a memória preservada no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, e Schmidt sobre a imagem que a Literatura gaúcha e brasileira reflete em relação a imigrantes alemães e descendentes. Finalmente, o signatário da massa dos comentários (14, ao todo), Felipe Faleiro, apresenta um currículo semelhante às duas colegas, sendo graduado em Jornalismo pela FEEVALE, e mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.⁵

O currículo de nenhum dos três apresenta produção intelectual que permitisse classificá-los como conhecedores prévios dos temas abordados, no sentido de que apresentassem um perfil histórico-profissional que poderia ter levado à escolha de seus nomes para a autoria dos textos. O único dado concreto é que os três possuem algum tipo de vivência pessoal nos municípios de Novo

4 <https://www.escavador.com/sobre/6092319/lisiane-mossmann> (acessado em 1/9/2025);
<https://www.escavador.com/sobre/1535838/simone-schmidt> (acessado em 1/9/2025).

5 <http://lattes.cnpq.br/2584819470288860> (acessado em 1/9/2025).

Hamburgo e de São Leopoldo, seja por terem estudado na UNISINOS ou na FEEVALE, seja por terem trabalhado em algum órgão de imprensa, nestes dois municípios. A sensação geral, intuitiva, é que a direção do jornal tenha dado algumas indicações gerais sobre o enfoque a ser dado, convocando os jornalistas a pesquisar e a escrever a respeito, ou, então, que aquilo que efetivamente foi incluído na série reflete o conhecimento prévio, a opinião dos jornalistas, derivados de suas vivências pessoais, no vale do rio dos Sinos, acrescido, naturalmente, de fontes escritas e de entrevistas.

Um relato muito resumido dos conteúdos dos textos (na ordem de publicação), pode tentar dar uma ideia daquilo que foi abordado, nas 16 matérias jornalísticas do *Correio do Povo*.⁶ No primeiro, há considerações gerais sobre a imigração, com algumas informações históricas generalizadas, mas sem um foco específico (24/2/2024). Depois, vem uma referência à expansão da colonização iniciada no vale do rio dos Sinos por várias outras regiões do estado, no decorrer dos anos, fazendo rápida referência aos problemas causados pela “nacionalização”, durante a Segunda Guerra Mundial, para referir, depois, a volta a uma “normalidade”, que disseminou, em definitivo, a influência alemã nos mais diferentes setores da sociedade gaúcha (24/2/2024).

Destacando que algum tipo de industrialização começou logo depois do início da colonização, faz-se referência à indústria naval como pioneira, a qual se fez seguir de outras, muito logo (29/3/2024). Um título como “a contribuição dos imigrantes para a economia do Rio Grande do Sul” indica para a conclusão de que a chegada dos imigrantes alemães “consolidou o território gaúcho como referência econômica, desde os primeiros caixeiros-viajantes, ou *musterreiter*, profissionais que, no início da imigração, percorriam longas distâncias nas colônias” (29/3/2024). Um convite para “conhecer as empresas fundadas por imigrantes” cita, nominalmente, SICREDI e VARIG, para terminar com a seguinte citação do atual presidente da Câmara Brasil-Alemanha no Rio Grande do Sul: “As empresas alemãs, especialmente, trouxeram modos de fazer que, por se mostrarem acertados, acabaram se disseminando, ajudando a criar uma cultura empresarial e produtiva própria, que hoje nos diferencia dos demais estados do Brasil” (29/3/2024). Além de destacar a tradição industrial em várias regiões do interior, incluindo a industrialização baseada na agricultura, dá-se destaque à industrialização verificada no 4º Distrito, da Capital, com referências nominais a empreendimentos que, historicamente, marcaram presença neste espaço (29/3/2024).

As três reportagens publicadas com data de 27 de abril de 2024 dedicam-se a algo se poderia subsumir como “memória e cultura”: um sobre o acervo

6 A lista completa está no Anexo 1.

preservado no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, de autoria de Lisiane Mossmann; outro sobre a museu histórico de Santa Maria do Herval, de Felipe Faleiro; e um terceiro sobre a presença de alemães e descendentes na Literatura, por Simone Schmidt (27/4/2024).

No entorno do 25 de julho, data oficial estatuída como início do processo de colonização alemã, apareceram as cinco reportagens restantes. No dia 20 de julho, o tema abordado foi o “caminho pomerano”, que se refere a um projeto turístico que chama atenção para uma imigração alemã tradicionalmente pouco citada, mas que está conquistando espaço no senso comum, e, também, na pesquisa acadêmica – trata-se da região de Pelotas, com destaque para São Lourenço do Sul. As matérias de 22 e 23 de julho remetem à intensa difusão da prática de esportes, abarcando tanto a ginástica quanto o futebol; no segundo caso, cita-se a SOGIPA, de Porto Alegre, uma entidade que não é exclusivamente esportiva. Este aspecto remete ao próximo texto, dedicado às sociedades recreativo-culturais, frequentes tanto na Capital quanto interior (23/7/2024).

Mesmo que o município e a comunidade de Santa Maria do Herval tenham sido contemplados com uma referência ao museu local, foi-lhes dedicado mais um comentário, desta vez enfocando a persistência da vida rural, em contraposição ao avanço da urbanização, em outras regiões, e o cultivo de uma língua específica, o *hunsrück* (24/7/2025).

Como se vê pelas datações, a maioria dos escritos foi produzido antes da enchente de maio de 2024. Não admira, por isso, que tenha sido “inserido” um que leva o significativo título de “200 anos de imigração alemã: a chama da celebração resiste às águas – locais históricos por onde os pioneiros passaram foram afetados pelas cheias no estado”. Além de referir e lamentar as perdas materiais, o jornalista destacou que a situação afetou profundamente a vasta programação festiva planejada por dezenas de instâncias (24/7/2024). Mesmo assim, o ciclo de comentários concluiu com a lembrança de aspectos festivos: “Sabores, sons e tradições: celebração dos 200 anos da Imigração Alemã no Vale do Taquari. Mais antigo do país em atividades ininterruptas, Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela é retrato da receptividade germânica” (25/7/2024).

ZERO HORA/RBS

Em algum sentido, a série de matérias sobre o bicentenário publicadas em *Zero Hora* pode ser tratada com menos detalhes, por vários motivos. No *Correio do Povo*, um mesmo jornalista foi autor de 14 das 16 matérias, havendo, no entanto, dois casos com outra autoria. Aqui, em *Zero Hora*, uma única pessoa assinou como responsável por todas as reportagens, num número que

representa apenas metade dos do outro jornal. Trata-se de Rodrigo Trespach, que, em seu currículo, diz sobre si mesmo: “Tenho formação em História, mas sou pesquisador independente, com interesse especial nos séculos 18, 19 e 20”.⁷ É autor de vários livros, incluindo o tema imigração e colonização com alemães e descendentes, de forma que escreveu como detentor de conhecimentos prévios, tendo sido, provavelmente, escolhido por causa deste seu saber. Ao contrário do *Correio do Povo* – que chegou a publicar mais de uma matéria no mesmo dia –, na série de *Zero Hora* saiu um texto por mês, com início em janeiro, tendo sido dois no mês “de chegada”, em julho. Com isso, o próprio número de títulos ficou na metade do outro jornal.

Outra diferença decorre, provavelmente, do fato de a redação ser de historiador, e não de jornalistas. Ao contrário dos textos destes, que, em vários casos, partem do presente, para abordar o passado, Trespach só apresenta um enfoque “histórico”, no sentido de se restringir a narrar episódios passados, sem estar interessado na evolução da situação em outros momentos cronológicos, muito menos no presente. Alguns títulos podem ilustrar aquilo que pretendo dizer: “Há 200 anos, o primeiro navio com imigrantes alemães chegava ao Brasil”; “Leopoldina, a imperatriz de origem germânica”; “O Rio Grande do Sul em 1820”; “Há 200 anos, o primeiro grupo de imigrantes germânicos chegava a São Leopoldo”.⁸

Destaque-se que *Zero Hora* publicou algumas outras reportagens sobre o bicentenário, as quais, provavelmente, não são muito diferentes das do *Correio do Povo*, mas elas não faziam parte de uma série, como no caso citado, motivo pelo qual não estão incluídas neste levantamento. Para ilustrar, pode-se arrolar texto publicado com data de 25 de julho, de autoria de Fernanda Polo, onde o título e o subtítulo indicam o conteúdo – “Imigração alemã completa 200 anos com heranças culturais, gastronômicas e de desenvolvimento do RS: dois séculos após a chegada dos pioneiros e o estabelecimento da primeira colônia rural-militar em São Leopoldo, diversas tradições e costumes seguem preservados”.

Zero Hora faz parte de uma empresa jornalística denominada RBS, que, entre outras áreas, atua em rádio e televisão. Dentro desta estrutura, foi produzida uma série de entrevistas, em áudio e vídeo – realizadas pelo jornalista Leandro Staudt – denominada “aconteceu no RS”. Doze entrevistas, dentro da rubrica, foram dedicadas ao bicentenário, motivo pelo qual merecem ser ao menos citadas, neste contexto, como manifestações jornalísticas sobre alemães e descendentes. São entrevistas de cerca de 30 minutos, com pessoas que possuem conhecimento mais ou menos especializado em determinados

7 <http://lattes.cnpq.br/4690469879133441> (acessado em 1/9/2025).

8 A lista completa pode ser vista no Anexo 2.

assuntos. Algumas delas são acadêmicos. Neste sentido, esta série contribuiu com algumas abordagens mais “críticas”, levantando eventuais polêmicas, ao fazer entrevistas com especialistas, por exemplo, sobre o episódio *mucker*, a influência de alemães e descendentes sobre a arte regional; as formas de lidar com saúde e doenças; a organização da sociedade leopoldense.⁹ Mas, deve-se destacar que a expressão “abordagens críticas” não vai além de eventuais referências a existência de algumas divergências em relação a dados ou interpretações de fatos históricos, entre estudiosos. Em momento algum, aparece qualquer manifestação contestadora do projeto imigrantista e de sua evolução histórica, como tal.

PARÊNTESE

A revista digital semanal *Parêntese* é publicada pelo grupo Matinal, em Porto Alegre, e, segundo definição em seu próprio site, está “focada em entrevistas, ensaios, resenhas e crônicas”. O fato de seu diretor possuir sobrenome alemão, por si só, despertou curiosidade em saber se o bicentenário da colonização alemã seria referido, e, em caso positivo, se os temas, os conteúdos, as formas seguiriam um padrão semelhante à citada “grande imprensa”, ou se haveria algo de diferente.

Antecipo-me: valeu a pena dedicar tempo à investigação. Se *Zero Hora* e *Correio do Povo* haviam começado, respectivamente, a publicar suas séries em janeiro e fevereiro de 2024, em *Parêntese* não aparecera nada até a edição de 15 de junho, 40 dias antes do auge das comemorações, em 25 de julho. *Parêntese* deslançou sua série, apenas, no dia 22 de junho, e a manteve, em sequência semanal, até 18 de outubro, num total de 18 matérias. Mas, no conjunto, são apenas 10 autores, já que alguns deles dividiram seus escritos em partes.

Num simples relance, pode-se emitir um juízo prévio, generalizado, e dizer que *Parêntese* produziu algo “diferente” que *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Não será possível apresentar nem resumir os conteúdos de todas as manifestações, mas a referência a algumas das publicações mostrará este caráter diferenciador.

A primeira crônica chama-se “a Carola em Porto Alegre desenha a família D.”, e foi escrita pela engenheira química aposentada Gisela Ranck. Aproveitando-se de cartas, desenhos e outros “papéis” deixados pela avó Carola, tentou refletir sobre o cotidiano de uma mulher normal – na verdade, à época, empregada na família D., em Porto Alegre –, para contar a história dela e da família, que residia no interior, durante a primeira metade do século XX. Chamam atenção as habilidades de desenho, mais o letramento da avó, incluindo trechos escritos não

9 Ver a lista completa de temas e de nomes dos entrevistados no Anexo 3.

em alemão “clássico”, mas naquilo que se costuma classificar como “dialeto”. Trata-se de uma história sem final, absolutamente banal. Poderia dizer-se que a história tenta lembrar que se existiram – e foram referidos, nas matérias dos dois citados jornais – alemães e descendentes que começaram do nada, mas evoluíram para grandes empresários e outros profissionais de sucesso, aqui se descreve a vida monótona – ainda que sem referência a quaisquer frustrações – de uma mulher comum, normal (22/6/2024).

Em “Duas histórias”, a geóloga Zara Gerhardt apresenta a narrativa histórica de sua família tal qual publicamente difundida, na tradição oral, que teria descendido de um aventureiro soldado alemão *brummer*, vindo ao Brasil para as guerras contra Oribe e Rosas, na metade do século XIX, em contraposição ao transcurso verdadeiro da vida das diversas gerações da família, que foi se revelando, aos poucos, diante do fato de que pesquisas não conseguiam comprovar as narrativas correntes. O texto gera importantes motivações para tentar explicar que interesses podem estar na origem de tentativas conscientes de ocultar a história verdadeira de uma família (29/6/2024). “Baú de memórias: uma família de alemães-russos em Ijuí”, de Ursula Axt Martinelli, é um caso de “germanidade” peculiar, porque apresenta as peripécias de uma família cuja migração para o Brasil decorreu de perseguições étnico-culturais e políticas, na Ucrânia e outras regiões do então império russo (27/9/2024).¹⁰ Uma tentativa de reconstituir a formação de sua família encontramos, também, em “da catedral de Colônia à colônia em Santa Clara” do ex-juiz José Felipe Ledur (19/9/2024).

No breve texto sobre “lições ancestrais”, Valesca de Assis fez uma reflexão – a partir do caso de sua avó – a respeito do papel da *frau*, da “senhora”, nas famílias de origem alemã (6/7/2024). Miquéias H. Mügge, em “imigração, política e os escritos de Josefine Wiersch” apresentou uma intelectual que viveu em Arroio da Seca, Estrela, hoje município de Imigrante (27/7/2024).

Sem apresentar todas as matérias arroladas na série¹¹, a indicação de mais dois autores e mais dois títulos mostra, em definitivo, que o viés geral de *Parêntese* se distingue, de forma clara, do de *Zero Hora* e do *Correio do Povo*. Estes dois textos são maiores – ambos publicados em três edições seguidas. Frederico

¹⁰ Considerando que eu próprio poderia ter produzido uma narrativa a este respeito, já que meus quatro avós vieram da Ucrânia, cabe uma observação para alertar para os cuidados necessários em difundir generalizações. Aqui, a cronologia possui um papel fundamental. Meus avós paternos vieram em 1909 e os maternos em 1913. A motivação alegada sempre foi a de melhorar de vida. Não registrei, ao longo de minha vivência em família, críticas ao tratamento recebido de parte da população ou do governo russos, como, aparentemente, aconteceu, com intensidade, a partir da Primeira Guerra Mundial, em especial após a revolução de 1917. Em minha mente, se formou uma imagem muito positiva sobre um suposto ou efetivo ecumenismo que meus antepassados teriam vivenciado e herdado da Ucrânia, como registrei em meu livro de memórias (GERTZ, 2020, p. 11-15).

¹¹ A lista completa está no Anexo 4.

Duarte Bartz tentou responder à pergunta “qual o lugar dos ‘outros’ alemães na história do bicentenário?”. Se nas fontes anteriores foram destacados os “empreendedores” – ainda que haja eventuais referências a trabalhadores rurais –, Bartz deu destaque aos trabalhadores urbanos, com sua forma de organização, sua cultura, seus lugares de memória (30/8/2024; 6/9/2024; 13/9/2024). Também é difícil de imaginar que os dois jornais da “grande imprensa” pudessem ter tratado do tema trazido por Jandiro Koch: “200 anos de imigração gay-alemã no Rio Grande do Sul”, cabendo destacar que a segunda parte está dedicada a esta figura eminente do “mundo alemão” gaúcho que foi Karl von Koseritz (4/10/2024; 11/10/2024; 18/10/2024).

Em resumo, a revista *Parêntese* trouxe uma contribuição minimamente inovadora, referindo aspectos menos difundidos no senso comum. Mas, por outro lado, também aqui, em nenhuma das matérias, transparece qualquer tipo de denúncia ou de contestação ao processo de colonização com imigrantes alemães, iniciado em 1824.

INSTITUTO HUMANITAS - UNISINOS

Em São Leopoldo, o “berço da colonização alemã no Brasil”, está sediada uma grande instituição de ensino superior chamada Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Como um de seus “departamentos”, ela abriga, há cerca de 25 anos, o Instituto Humanitas. Conforme a autodefinição, em seu site,

o principal objetivo do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** é apontar novas questões e buscar respostas para os grandes desafios de nossa época, a partir da visão do humanismo social cristão, participando, ativa e ousadamente, do debate cultural em que se configura a sociedade do futuro. [...]. O **IHU** quer contribuir na realização da missão da **UNISINOS** como universidade jesuíta que busca com denodo tornar efetiva a missão da Companhia de Jesus da diaconia da fé, da promoção da justiça e do diálogo cultural e inter-religioso. O Instituto também participa proativamente na promoção de Escolas de Formação Política.¹²

A importância da universidade para o estado em geral, mas, sobretudo, para a região, somada ao papel e às tarefas citadas na autodefinição, recomendaram verificar a existência de eventuais manifestações sobre o bicentenário da imigração alemã, do qual, afinal, São Leopoldo seria o centro das atenções, em 2024.

Colocando-se no buscador do site do próprio Instituto os termos “imigração alemã”, aparecem, no mínimo, 13 títulos publicados durante o ano de 2024.¹³ Quatro deles podem ser classificados como notícias “neutras”, a

¹² <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/genese-missao-e-rotas> (acessado em 3/9/2025).

¹³ Destaque-se que nem todos os textos foram produzidos pelo ou dentro do IHU/UNISINOS. Há matérias transcritas de outros órgãos de divulgação. Parte-se, aqui, porém,

primeira, com data de 16 de maio, se refere “às perdas à cultura e ao patrimônio histórico no RS” causadas pelas enchentes; mesmo que não seja específica sobre São Leopoldo, dá destaque significativo aos prejuízos sofridos pelo acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Em 6 de agosto, se anunciou o lançamento, previsto para dia 14 do mesmo mês, de dois livros sobre os 200 anos.¹⁴ Em 10 de agosto, saiu, porém, uma manchete dizendo que o “lançamento de livros sobre os 200 anos de imigração alemã é postergado”. É que a prefeitura de São Leopoldo patrocinou estes livros, como parte da programação oficial do bicentenário; e eles estavam prontos, mas seu lançamento foi suspenso, porque – financiados pela administração municipal – este ato poderia ter sido interpretado como propaganda eleitoral. Passadas as eleições de 2024, foi possível fazer o lançamento público, fato que resultou na informação do IHU de que “no bicentenário da imigração alemã, São Leopoldo ganha dois novos registros” (27/11/2024).

Olhando-se para os 9 artigos restantes, encontram-se alguns que poderiam ter aparecido nas séries do *Correio do Povo* ou de *Zero Hora*.¹⁵ Como exemplo, pode-se arrolar “a trajetória das mulheres luteranas em 200 anos de história” (11/9/2024). Luteranas são, obviamente, um produto típico da colonização alemã, e o texto – na verdade, uma resenha – faz referências sem dúvida abonadoras a elas. “Os 200 anos da saga alemã no Brasil” (26/7/2024) também não deixa de apresentar uma imagem relativamente multifacetada e “neutra” sobre o resultado do projeto imigrante. Denota até certo clima emocionante o relato de João Biehl (professor na Universidade de Princeton), quando relata e comenta seu envolvimento pessoal na elaboração do livro *Jammerthal – o Vale da Lamentação: a minha Guerra Mucker* (2024) (19/11/2024). Também constitui contribuição intelectual de boa qualidade informativa o artigo escrito pelo conhecido historiador Martin N. Dreher, um dos maiores especialistas em imigração alemã no Brasil. Como acontece em seus demais escritos amplamente difundidos, apresentou uma análise erudita sobre “os 200 anos das migrações em São Leopoldo/RS. O que vamos comemorar em 2024?” (15/4/2024).

Se, porém, olharmos para as cinco manifestações restantes, fica escancarada a diferença em relação a tudo aquilo que se viu nos demais órgãos de divulgação. O Instituto Humanitas se esmerou em apontar para aspectos menos edificantes do processo de imigração e colonização alemães. Não há necessidade de entrar em detalhes de conteúdo para constatar este fato – basta

do pressuposto de que se o Instituto as publicou sem um comentário crítico, ajudou, no mínimo, em sua divulgação, endossando-as, neste sentido.

14 Trata-se de DREHER e MÜGGE, 2024; HARRES e GERTZ, 2024.

15 A lista completa está no Anexo 5.

arrolar os títulos: “Silenciamento de indígenas e negros na imigração alemã é tema de livro-reportagem” (15/4/2024); “a história de São Leopoldo não é só dos alemães” (30/4/2024); “os orgulhosos neogaúchos híbridos se transformaram em refugiados climáticos” (20/6/2024); “imigração alemã: ‘a versão era sempre a do colonizador’” (26/7/2024); “os conflitos entre imigrantes alemães e kaingang no Sul” (26/7/2024).

Cabe lembrar que ganhou certa repercussão na imprensa regional um livro intitulado *Invisíveis: o lugar de indígenas e negros na história da imigração alemã*, de autoria de Dominga Menezes e Gilson Camargo (2024), a quem o IHU/UNISINOS houve por bem dedicar três dos cinco comentários recém referidos (15/4/2024; 30/4/2024; 26/7/2024). Abstraindo de qualquer avaliação da consistência deste livro, a dedicação de três textos a ele indica para a importância que lhe foi atribuída.

Diante destas breves indicações, não há dúvida de que, entre os poucos órgãos de divulgação cujas manifestações a respeito do bicentenário de colonização alemã se tentou apresentar aqui, o Instituto Humanitas da UNISINOS foi o mais “crítico” – em sentido amplo do termo.

PALAVRA FINAL

É importante destacar – mais uma vez! –, com toda ênfase, que esta é uma tentativa inicial, primeira e primária, para abordar a repercussão do bicentenário da colonização alemã, no Rio Grande do Sul, em 2024, na imprensa e na opinião pública. As fontes arroladas são escassas, a análise não é nada sistemática nem aprofundada. O objetivo principal foi apontar para uma temática, indicando algumas direções, aparentes ou efetivas, na tentativa de incentivar outros historiadores a se embrenhar no tema, com a dedicação e a consistência científica que o assunto merece.

REFERÊNCIAS

BIEHL, João. **Jammerthal – o Vale da Lamentação**: a minha Guerra Mucker. São Leopoldo: Oikos Editora, 2024.

DREHER, Martin N.; MÜGGE, Erny (Orgs.). **Colônia alemã de São Leopoldo**: 200 anos de história (1824-2024) – um almanaque. São Leopoldo: Oikos Editora, 2024.

GERTZ, René E. As comemorações do 25 de julho de 1956, no Rio Grande do Sul. In: ZANOTTO, Gizele (Org.). **Anais do IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras** (vol. II). Passo Fundo: UPF, 2018, p. 965-976.

GERTZ, René E. Juscelino, Brizola, Paulo Couto – São Leopoldo, Porto Alegre, Rio de Janeiro terão algo a ver entre si? *In*: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BATISTELLA, Alessandro; ANGELI, Douglas Souza; GRIJÓ, Luiz Alberto; VARGAS, Jonas Moreira (Orgs.). **Capítulos de história política: problemas e estudos**. Passo Fundo: Acervus, 2020, p. 439-465.

GERTZ, René E. **A trajetória de um professor-colono**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020.

GERTZ, René E. Verdades e dúvidas em relação a nazismo e neonazismo no Brasil. *In*: MONSMA, Karl (Org.). **Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 255-288.

GERTZ, René E. Alemães e descendentes no Brasil, por ocasião do bicentenário da colonização. **Estudios Históricos**, Uruguai, ano XVI, n. 32, 2024.

HARRES, Marluza Marques; GERTZ, René E. (Orgs.). **São Leopoldo: comemorações, reflexões e atualidades (1974-2024)**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2024.

LIMA, Tatiane de. **Os “usos políticos do passado” nas comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul (1974/1975)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

MENEZES, Dominga; CAMARGO, Gilson. **Invisíveis: o lugar de indígenas e negros na história da imigração alemã**. São Leopoldo: Carta Editora, 2024.

ROEHE, Nara Simone Viegas Rocha. **O sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul em 1974 como corolário das relações econômicas Brasil-Alemanha**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VERBAND DEUTSCHER VEREINE (Ed.). **Hundert Jahre Deuschtum in Rio Grande do Sul – 1824-1924**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1924.

WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

Anexo 1 - Matérias do *Correio do Povo* (títulos e subtítulos foram mantidos conforme aparecem no original)

- “Imigração alemã: do início aos dias de hoje: um grupo de 39 imigrantes alcançou o que atualmente é o município de São Leopoldo, em 1824, em busca de um sonho. De lá para cá, ajudaram a construir uma relevante parte da história do Rio Grande do Sul” (Felipe Faleiro) (24/2/2024).
- “Imigração alemã: colonização se dá em diferentes municípios do Rio Grande do Sul. A Revolução Farroupilha atrapalhou os planos dos colonizadores alemães por 10 anos” (Felipe Faleiro) (24/2/2024).
- “Imigração alemã: conheça empresas fundadas por imigrantes no RS. Muitos negócios começaram atuando localmente, mas depois expandiram suas ações nos demais estados do país. As primeiras aeronaves da Varig vinham da Alemanha” (Felipe Faleiro) (29/3/2024).
- “Imigração alemã: a contribuição dos imigrantes para a economia do Rio Grande do Sul. Há 200 anos, chegaram os primeiros alemães ao Estado. De lá para cá, muitos negócios e indústrias nasceram” (Felipe Faleiro) (29/3/2024).
- “Imigração alemã: as diferentes vocações industriais no estado. Confira como os alemães foram diversificando suas atuações nas diferentes regiões do RS. Bicentenário da Imigração Alemã em Porto Alegre: Edifício de Fiação de Lã e Tecelagem de A. J. Renner, na esquina da rua Frederico Mentz com a travessa São José” (Felipe Faleiro) (29/3/2024).
- “O começo das atividades dos alemães no Rio Grande do Sul. A indústria alemã em solo gaúcho surgiu em 1825, um ano após a chegada da leva pioneira de imigrantes de língua germânica” (Felipe Faleiro) (29/3/2024).
- “Memórias e tradições: museu preserva a herança alemã em São Leopoldo: um acervo rico em objetos, documentos e fotos que revelam a saga dos imigrantes alemães no sul do Brasil. Legado em cada detalhe: Ingrid Marxen, do Museu, apresenta réplica das portas construídas pelos imigrantes” (Lisiane Mossmann) (27/4/2024).
- “Em Santa Maria do Herval, museu conta a história da imigração germânica. Espaço conta com maquetes de residências antigas e itens utilizados pelos primeiros moradores da região” (Felipe Faleiro) (27/4/2024).
- “Imigração alemã: literatura retrata a trajetória dos imigrantes. A chegada dos colonizadores alemães e sua história e é contada em romances ao longo do tempo” (Simone Schmidt) (27/4/2024).
- “Caminho pomerano é retrato da presença germânica no sul gaúcho. Roteiro turístico rural em São Lourenço do Sul, repleto de cultura e gastronomia,

apresenta história dos colonizadores vindos há cerca de 160 anos” (Felipe Faleiro) (20/7/2024).

- “Desde os pioneiros, esporte no Rio Grande do Sul tem muito dos alemães. Saiba como movimento de clubes de ginástica, o clube de futebol mais antigo do país e o primeiro gol de autor conhecido do Grêmio estão relacionados com os germânicos” (Felipe Faleiro) (21/7/2024).

- “SOGIPA: clube genuinamente alemão de Porto Alegre para o mundo. Complexo formador de atletas multicampeões fundado por germânicos em 1867 foi cenário de diversas inovações ao longo das décadas” (Felipe Faleiro) (22/7/2024).

- “Em Porto Alegre e no interior gaúcho, raízes germânicas são preservadas nas sociedades. Até os dias atuais, clubes são pontos de convergência para a difusão de ideias e planejamento das comunidades” (Felipe Faleiro) (23/7/2024).

- “Imigração alemã: Santa Maria do Herval mescla dialetos e tradições. Na Encosta da Serra, famílias preservam costumes e crianças aprendem segundo idioma em casa” (Felipe Faleiro) (24/7/2024).

- “200 anos de imigração alemã: a chama da celebração resiste às águas –locais históricos por onde os pioneiros passaram foram afetados pelas cheias no estado” (Felipe Faleiro) (24/7/2024).

- “Sabores, sons e tradições: celebração dos 200 anos da Imigração Alemã no Vale do Taquari. Mais antigo do país em atividades ininterruptas, Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela é retrato da receptividade germânica” (Felipe Faleiro) (25/7/2024).

Anexo 2 – Matérias de Zero Hora

- “Há 200 anos, o primeiro navio com imigrantes alemães chegava ao Brasil” (13/1/2024).

- “As colônias rural-militares” (9/2/2024).

- “Leopoldina, a imperatriz de origem germânica” (8/3/2024).

- “Os protestantes: há 200 anos, os primeiros evangélicos desembarcaram no Rio Grande do Sul” (12/4/2024).

- “Há 200 anos, imigrantes alemães estabeleceram as primeiras raízes no Brasil” (3/5/2024)

- “O Rio Grande do Sul em 1820” (7/6/2024).

- “Primeiro grupo de imigrantes alemães chegava a Porto Alegre há 200 anos” (18/7/2024).

- “Há 200 anos, o primeiro grupo de imigrantes germânicos chegava a São Leopoldo” (25/7/2024).

Anexo 3 – Matérias da série “Aconteceu no RS” (RBS) (os títulos, com os respectivos entrevistados)

- “*Hunsrück*: o idioma de imigrantes alemães” (Solange Hamester Johann).
- “Como católicos e protestantes foram divididos nas colônias alemãs do Litoral Norte” (Rodrigo Trespach).
- “Como alemães contribuíram na arte e na arquitetura no Rio Grande do Sul” (José Francisco Alves).
- “A história do maior acervo da imigração alemã no Rio Grande do Sul” (Cássio Tagliari e Ingrid Marxen).
- “Como criar uma árvore genealógica e recuperar a história familiar” (Nélio Schmidt).
- “Notas e verdades sobre Jacobina e os ‘mucker’” (Doris Rejane Fernandes).
- “Contribuição dos alemães em Porto Alegre” (Felipe Kuhn Braun).
- “Legado dos alemães na gastronomia do Rio Grande do Sul” (Manuela Zang).
- “Curiosidades sobre doenças, tratamentos e valores nas colônias alemãs” (Sandro Blume).
- “Lendas e realidade em dramática viagem de alemães para o Brasil” (Décio Schauren).
- “Como foi a criação de São Leopoldo, a primeira colônia alemã do estado” (Martin N. Dreher).
- “Para que o Brasil buscou alemães em 1824” (Rodrigo Trespach).

Anexo 4 – Matérias de *Parêntese*

- “A Carola em Porto Alegre desenha a Família D.” (Gisela Ranck) (22/6/2024).
- “Duas histórias” (Zara Gehrardt) (29/6/2024).
- “Lições ancestrais” (Valesca de Assis) (6/7/2024).
- “Um belga no Brasil: Alphonse Mabilde e colonos alemães” – parte 1 (Karen Bruck) (13/7/2024).
- “Um belga no Brasil: Alphonse Mabilde e colonos alemães” – parte 2 (Karen Bruck) (20/7/2024).
- “Imigração, política e os escritos de Josefine Wiersch” (Miquéias H. Mügge) (27/7/2024).

- “Literatura de teutodescendentes – 1” (Luís Augusto Fischer) (3/8/2024).
- “Literatura de teutodescendentes – 2 – Os modernistas” (Luís Augusto Fischer) (9/8/2024).
- “Literatura de teutodescendentes – 3” (Luís Augusto Fischer) (16/8/2024).
- “Literatura de teutodescendentes – 4” (Luís Augusto Fischer) (23/8/2024).
- “Qual o lugar dos ‘outros’ alemães na história do bicentenário?” – parte 1 (Frederico Bartz) (30/8/2024).
- “Qual o lugar dos ‘outros’ alemães na história do bicentenário?” – parte 2 (Frederico Bartz) (6/9/2024).
- “Qual o lugar dos ‘outros’ alemães na história do bicentenário?” – parte 3 (Frederico Bartz) (13/9/2024).
- “Da catedral de Colônia à colônia em Santa Clara” (José Felipe Ledur) (19/9/2024).
- “Baú de memórias: uma família de alemães-russos em Ijuí” (Ursula Axt Martinelli) (27/9/2024).
- “200 anos de imigração gay-alemã no Rio Grande do Sul” – parte 1 (Jandiro Koch) (4/10/2024).
- “200 anos de imigração gay-alemã no Rio Grande do Sul” – parte 2 (Jandiro Koch) (11/10/2024).
- “200 anos de imigração gay-alemã no Rio Grande do Sul” – parte 3 (Jandiro Koch) (18/10/2024).

Anexo 5 – Matérias do Instituto Humanitas/UNISINOS

- “Silenciamento de indígenas e negros na imigração alemã é tema de livro-reportagem” (15/4/2024).
- “Os 200 anos das migrações em São Leopoldo/RS. O que vamos comemorar em 2024?” (15/4/2025).
- “A história de São Leopoldo não é só dos alemães” (30/4/2024).
- “Cheias impõem perdas à cultura e ao patrimônio histórico no RS” (16/5/2024).
- “Os orgulhosos neogaúchos híbridos se transformaram em refugiados climáticos” (20/6/2024).
- “Imigração alemã: ‘versão era sempre a do colonizador’” (26/7/2024).
- “Os conflitos entre imigrantes alemães e kaingang no sul” (26/7/2024).
- “Os 200 anos da saga alemã no Brasil” (26/7/2024).
- “Olhares sobre os 200 anos da imigração alemã” (6/8/2024).

- “Lançamento de livros sobre os 200 anos de imigração alemã é postergado” (10/8/2024).
- “A trajetória das mulheres luteranas em 200 anos de história” (11/9/2024).
- “*Jammerthal*, o Vale da Lamentação: a minha guerra *mucker*” (19/11/2024).
- “No bicentenário da imigração alemã, São Leopoldo ganha dois novos registros” (27/11/2024).